

Uma
NOITE DE
HISTÓRIAS

ESCRITO POR
DIDIX KASEMBE

Didix Kasembe

*Uma
Noite de
Histórias*



O Narrador

Venha. Sente-se. Sinta-se a vontade. Se gosta de uma bebida a acompanhar-lhe às viagens, então posso oferecer-lhe uma. Se gosta de um petisco a acompanhar-lhe às viagens, então faço questão de preparar-lhe um.

Quero que te sintas o mais confortável possível antes que a viagem comece. Gosta de uma música de fundo? Escolha uma. Farei o que estiver ao meu alcance. Gosta do silêncio? Até isso te posso providenciar. Lembre-se apenas que o silêncio não é a ausência de comunicação; que o silêncio, mesmo em sua mudez, não é falta de comunicação. Lembre-se que o silêncio pode ser capaz de comunicar o que nem a mais firme voz consegue.

Por que à noite?

A resposta é mais simples do que parece.

Porque o dia foi feito para que o homem corra e, apreciar o que nos rodeia enquanto corremos, pode ser um desafio quase impossível.

À noite já corremos demasiado. À noite já nos queremos recolher em nossos leitos para renovar as forças. À noite já a visão foi aprimorada pela experiência e, por isso, conseguimos enxergar os detalhes que compõem o mundo e fazem as pessoas.

A noite é o melhor veículo para explorarmos alguns dos infinitos mundos que existem no fluxo da existência!

Numa viagem, é importante aprender a absorver as paisagens e a conectar-se a várias histórias que, inevitavelmente, conheceremos durante o percurso. Uma viagem é uma caminhada de descobertas. Onde, além de descobrirmos sobre o vasto universo, sentimos o gosto da auto-descoberta que ora manifesta-se amargo como o fel, ora manifesta-se doce como o mel.

Uma viagem pode ser turbulenta como a mais feroz tempestade; uma viagem pode ser tranquila como o mais sereno lago. Uma viagem pode, também, oscilar — bipolar — entre a mais feroz turbulência e a mais serena tranquilidade.

Seja como for, peço-te apenas que abras o coração para que ele esteja preparado para a nossa viagem.

Nesta viagem vou, apenas e simplesmente, contar-te a minha perspectiva. Sei que sabes que um mesmo objecto pode ser percebido de formas diferentes porque as pessoas são diferentes e porque as pessoas mudam.

Vou apresentar-te o que eu perceber nesta viagem. Mas, não seja limitado à minha perspectiva. Pois, como disse, as experiências aprimoram a visão e cada um experimenta a vida de forma única. Independente de qualquer padrão!



A UFEKO

O dia começou sereno. Apesar da devassidão ter levado à consagração da volúpia que, doravante, trouxe consigo as maldições divinas.

O dia começou sereno. Apesar das maldições divinas, manifestas na suprema descrição simbólica de inquebráveis correntes, terem castigado o voluptuoso homem, tornando cada vez mais raro o objecto de seu afã.

Nasceu — anunciou, baixinho, a parteira — mas, silenciem-se os tambores e sejam abafados os gritos de alegria. Pois, nasceu uma menina.

Uma menina?! — admirou o homem transformado em misantropo por causa do que a sociedade se transformou — o castigo divino quer amaldiçoar-me com a azáfama que será preservar uma menina num mundo voluptuoso como este.

Tudo começou no final do século XXI com o decreto hegemônico dos Estados Unificados da Humanidade. A ideia fulcral era a de criar a suprema utopia almejada pela humanidade através dos séculos.

A bandeira dos Estados Unificados da Humanidade era a supremacia humana. O seu lema era "aos homens pertence a terra". Aprogoava-se com veemência sobre a necessidade de unificar-se os hábitos e costumes humanos e todos os valores morais e tradicionais por trás deles. Pois, só assim, sem o abismo de diferenças morais e culturais que nos separam, a humanidade alcançaria a suprema utopia.

De todos os países foram chamados eruditos à Assembleia Universal dos Estados Unificados da Humanidade, localizada no que, nos séculos anteriores, foi chamado de Egípto. Esses eruditos reuniram por um ano inteiro e, então, a carta magna dos Estados Unificados da Humanidade foi elaborada. Uma carta que anulou toda a construção cultural humana para que a humanidade começasse do zero. Segundo os eruditos, começar do zero seria a única maneira de alcançar a tão almejada utopia.

O tempo foi passando e, no começo, aparentemente todos esqueceram-se dos conceitos de racismo, guerra, ganância, genocídios, xenofobia, machismo, feminismo... e todas as problemáticas que assolavam a humanidade até o final do século XXI. Porém, esquecer da história que nos moldava fez com que o castigo divino viesse até nós.

Porque estávamos a tentar começar do zero, ignorando todos os conceitos e actos que martirizaram a humanidade, todas as idéias eram aceites. Até as mais absurdas!

A devassidão levou à consagração da volúpia. Tudo era permitido, contanto que não ferisse fisicamente ninguém. Tudo era feito, contanto que fosse uma afirmação da autonomia e supremacia humana sobre qualquer lei natural e, então, a consciência colectiva se perdeu.

As relações humanas, na ilusão de afirmação pessoal em detrimento de tudo e de todos, foram de tal maneira quebradas que a humanidade começou a beirar a extinção. Depois do século XXII — até hoje não se sabe dos motivos, e por isso é chamado de castigo divino, por alguns — registrou-se um declínio no número de recém-nascidos do sexo feminino. Resumidamente, as mulheres tornaram-se na espécie mais rara da terra.

Apesar de todo aquele lenga-lenga sobre recomeçar do zero, os Estados Unificados da Humanidade nunca abandonou o conceito de poder, nem a sua manifestação fisicamente simbólica: o dinheiro. Em suma, mulheres passaram a ser a mercadoria mais cara do mercado. Ter uma mulher, nos dias de hoje, é um luxo almejado por todos e desfrutado por poucos.

Em sua misantropia, o homem encontrou duas mulheres decididas a viver a morte do exílio à enviesarem-se, resignadas, a um mundo desgovernado. O homem apaixonou-se pela mulher, ambos odiavam a humanidade. A companheira da mulher, senhora de idade, era sua serva.

Mais tarde, o homem veio a descobrir que a mulher é filha de um dos parlamentares da Assembleia Universal dos Estados Unifica-

dos da Humanidade. Segundo os boatos, uma ceita secreta debaixo dos panos, realiza rituais de passagem com as mulheres antes que elas sejam vendidas. Obviamente, o pai recebe alguns benefícios por ainda conseguir introduzir o cromossoma x quando, inexplicavelmente, a grande maioria conseguia apenas o y. Riquezas e grandes cargos na Assembleia Universal dos Estados Unificados da Humanidade eram as mais assediantes.

Porém, o ritual consistia em submeter às mulheres a um bacanal onde apenas os escolhidos entre a Assembleia podiam participar e, claro, as mulheres que seriam o ápice do ritual. Com isso, elas são consideradas aptas para serem vendidas e endeusadas pelos seus proprietários-maridos e pelo planeta em geral.

A mulher, e a senhora de idade, esquadrinharam um plano de fuga na noite em que a mulher seria submetida ao bacanal.

Que azáfama — exclamou o homem — terei de criar uma menina neste mundo enlouquecido!

Os anos se passaram rapidamente naquele recanto do mundo que servia de asilo para o homem, sua misantropia, sua mulher, e as lembranças de uma serva fiel que, em muito, ajudou.

A menina crescia forte e saudável, porém, curiosa. Curiosa sobre si mesma; curiosa sobre o seu asilo e exílio; curiosa sobre os seus pais e suas histórias de vida; curiosa sobre o mundo e sobre como tudo funcionava.

Pai — começou, a menina, com a inevitável conversa — por que não posso sair?

Ora — respondeu o homem — porque o mundo é um lugar perigoso e você ainda é uma criança.

Então — retrucou a menina — organize um efiko para que eu seja uma mulher e possa ver o mundo por mim mesma!

Efiko — reagiu, admirado, o homem — onde foi que você ouviu esta palavra?

A avó — confessou a menina — ela dizia que não posso sair ainda por ser Ufeko e que, nos dias de hoje, isso é uma raridade que devia ser preservada a qualquer custo. Mas, eu dizia que, se for para ser uma renegada, não queria ser Ufeko.

Eu — continuou a menina enquanto o homem ouvia — quero ser aceite pelo mundo. A avó, então, fez-me prometer que só sairia quando tiver realizada a festa do Efiko, pois isso tornar-me-á numa verdadeira mulher e há-de proteger-me contra o bacanal ritualista a que todas as mulheres estão a ser submetidas como preparo para serem vendidas.

Agora não sei se é bênção ou castigo divino essa azáfama maldita que é criar uma menina num mundo voluptuoso como este — resmungou, silenciosamente, o homem — essa péssima paródia do valor feminino é, realmente, o castigo divino a privar o homem de seu profundo e voluptuoso afã.

Querida — falou à menina, o homem — Efiko é uma grande festa que era realizada para enaltecer o valor de uma mulher. Nessa grande festa, afirmava-se que a mulher, além de pura, possuía todos os valores que a tornavam numa mulher virtuosa. Era uma grande festa realizada para dizer que aquela menina, entendeu o significado ancestral e profundo de ser mulher; de ser a progenitora do universo; de abster-se de toda a impureza.

Minha querida filha — continuou, o homem — preservar-te num mundo como este, não tem sido a tarefa mais fácil. Mas, sou feliz. Sou feliz porque, apesar de toda a tua curiosidade natural sobre você mesma; sobre mim e a tua mãe; sobre o mundo e como ele funciona; apesar de tudo, você nunca se aventurou eva-

dir-se para longe de nós e do que te desejamos ensinar.

Minha pequena — continuou o homem — o mundo actual decidiu atribuir valores humanos às mulheres. Agora elas podem ser compradas com bens humanos. Pese embora algumas odeiem isso, uma grande parte, das poucas mulheres ainda existentes, ama. Elas amam ser aduladas com toda a sorte de bens e riquezas. Elas amam ser endeusadas. Imoralmente empoderadas!

Minha criança — continuou, o homem — Efiko é uma grande festa realizada para dizer a todos os humanos e ao universo que essa menina que as ondas cósmicas nos enviaram está agora preparada para assumir o papel de mulher; de progenitora do universo.

Minha querida criança — continuou, o homem — Efiko é uma festa realizada para a Ufeko e, Ufeko, é aquela que se guardou de toda a impureza. Ufeko é aquela que compreendeu e aceitou o seu dever ancestral e natural de ser a mais bela criatura no mundo para que dela um universo venha à existência. Ora, para dar à luz a um universo, é necessário todo um agregado de valores construídos por gerações para que o universo que vier à luz possa ser guiado nos melhores caminhos.

Se você entende isso — ultimou, o homem — toquemos alto os batuques, ergamos as nossas vozes. Cantemos, dancemos, comamos o boi e, então, apresentemos ao mundo uma mulher que se preservou imaculada, apesar da devassidão que consagrou toda essa volúpia. Apresentemos ao mundo uma mulher que manteve o seu valor incomensurável, apesar do mundo voluptuoso atribuir preços às mulheres; apesar da volúpia ter muitos assediante meios e métodos de corromper e manchar o que devia ser mais puro neste universo.

Eu sou a Ufeko — monologou, intimamente, a menina — o meu valor não pode ser medido e, por isso, não tenho preço. Sou a progenitora de um universo e, por isso, esse planeta não tem o poder de me subjugar.

Acendeu-se a fogueira. Ouviu-se o toque dos batuques, o mais alto possível. Vozes de cânticos de alegria foram erguidas. Celebrou-se o Efiko. Uma celebração aparentemente esquecida nos séculos passados, estava a ser revivida. A mulher estava a receber o seu valor; valor que não podia ser rotulado com um preço. A mulher estava a ser honrada, sem se deixar endeusar pelo maculado endeusamento com oferendas materiais. A menina estava a ser entregue a um ritual de passagem, sem que velhos barrigudos a possuíssem em seus rituais realizados num bacanal.

Enquanto apreciava a sua menina, devidamente adornada com as missangas, as costumeiras vestes, o sorriso meigo e afável, a alegria inocente, o homem começou a indagar sobre como é que continuaria a preservar a pureza da menina que se transformava em mulher. Pensou sobre como as vississitudes impostas por um mundo como aquele podiam encontrar o caminho para chegar até ao mais genuíno humano de modos a corrompê-lo. Em sua misantropia, o homem pensou sobre como continuaria a proteger a menina, que se transformava em mulher, dos algozes daquele pútrido ritual de passagem realizado num bacanal debaixo dos panos da Assembleia Universal dos Estados Unificados da Humanidade.

O homem foi abatido por uma inquietante preocupação. Porém, essa é uma história para outra altura.

Interessa apenas que, apesar de tudo; apesar de parecer impossível, o homem conseguiu preservar, imaculada, a menina

para entregá-la à grande festa que é celebrada para honrar o nascimento de uma progenitora do universo.

Interessa apenas que ainda exista uma Ufeko para tornar possível a realização do Efiko!



O HOMEM NO DESERTO

Caminhava, o homem, pelo deserto. Caminhava porque queria viajar. Viajava porque almeja viver. Em sua caminhada; em sua viagem; em seu anelo, estava o homem no deserto. Passava, o homem, pelo deserto.

Que ser mais estranho — admirou, então, o vasto aglomerado de areia — que ser é este que caminha sobre mim com tão arrastados e pesados passos? Que ser é este que, sobre mim, caminha aparentemente desesperado; aparentemente esgotado, mas, porém, sem se deixar cativar pelo arдил de minha astúcia?

Que ser mais estranho — continuou a admirar, então, o vasto aglomerado de areia — que ser é este que caminha sobre mim e, ainda assim, não o consigo identificar como parte integrante de toda a vida e falta de vida que abrigo?

Conhece-lo? — perguntou, então, o vasto aglomerado de areia ao vento.

Nunca vi um ser tão frágil por essas bandas — respondeu, então, o vento — sem plumagem alguma; sem escamas alguma; sem

manto peludo algum, sem nada. Absolutamente despido. Absolutamente indefeso contra o meu gélido suspiro nocturno.

Nunca vi um ser tão frágil por essas bandas — respondeu, então, o vento — um ser que não consegue suportar o meu baile nocturno, mas, ainda assim, suporta. Um ser cujo único agasalho são esses leves trapos que tem vestido dia e noite.

Caminhava, o homem, pelo deserto. Completamente alheio à conversa entre o vento e o aglomerado de areia; completa vítima de suas existências. Caminhava porque queria viajar. Viajava porque almeja viver. Em sua caminhada; em sua viagem; em seu anelo, estava o homem no deserto. Passava, o homem, pelo deserto.

Que gigante mais feio — observaram, então, os répteis moradores do deserto — parece coisa de outro mundo. Parece coisa que não quer pertencer a este lugar. Olhem como são os olhos dele! Talvez não consiga ver o que nós vemos. Olhem como é a cabeça dele! Talvez não consiga pensar o que pensamos.

Que gigante mais estranho — observaram, então, o répteis moradores do deserto — tem tantos comportamentos estranhos. Leva consigo tantas bagagens estranhas. Fala, a toda hora, palavras tão estranhas. Oh, mais que estranho ser!

Terá, nele, efeito o meu veneno? — intrometeu-se, então, na conversa o escorpião — O meu veneno é poderoso. O meu veneno causa uma dor insuportável e fatal. Não sei o porquê, mas, estranhamente, sinto uma vontade impulsiva de fazê-lo experimentar do meu veneno. Talvez para ver se, ainda assim, continua a caminhar. Talvez para ver, se ainda assim, ele consiga chegar onde quer chegar.

Caminhava, o homem, pelo deserto. Completamente alheio à con-

versa entre todos os répteis moradores do deserto e o escorpião. O homem, então, não pensava sobre o triste facto da escassez de chuva obrigar a pobre vegetação a adaptar-se. Talvez não se permitisse pensar. Não por ignorância, mas, porque estava apenas a caminhar. Caminhava porque queria viajar. Viajava porque almeja viver.

Em seu anelo, talvez, em tempos longínquos, o homem se tenha adaptado de tal modo à solidão do deserto que não conseguia pensar sobre a ausência da chuva. Ou realmente se tenha adaptado para nunca mais sair dele, ou realmente se tenha adaptado para conseguir dele sair. Talvez um, talvez outro. Mas, por ora, o homem estava no deserto. Caminhava, o homem, pelo deserto.

Sou o fogo abrasador que consome a falta de vontade de viver no deserto — exaltou-se, então, o sol — a minha imponência é inevitável e o meu esplendor é omnipresente. Assentado estou no alto e, aos meus olhos, nada escapa.

Avistei uma mancha — observou, então, o sol — no começo, achei que fosse apenas uma mera pedra sobre o deserto. Mas, o que achei que fosse pedra, moveu-se e todos sabem que pedras não se movem por si só. Achei, depois, que a mancha fosse um mero andrajo abandonado à sorte do baile do vento. Mas, a mancha move-se como se quisesse ter valor e todos sabem que farrapos só se tornam farrapos quando perdem o valor que possuíam antes de se tornarem farrapos.

Não importa quão furiosamente escaldante os meus raios desciam até ao deserto — observou, então, o sol — mas, o que eu pensava ser uma mancha, não sucumbiu em seus toques infernalmente abrasadores.

Bem sabes que não possuo forma — intrometeu-se, então, no monólogo do sol a miragem — apesar de não possuir forma, tenho a capacidade de assumir as formas dos mais profundos anseios daqueles de quem me alimento.

Este estranho ser — continuou, então, a miragem — fez-me e ainda me faz adotar incontáveis formas. Parece ser o ser com mais anseios que eu já conheci em toda minha existência!

Permanecia, o homem, alheio à conversa entre o sol e a miragem. Porém, continuava a cominhar. O homem caminhava porque queria viajar. Viajava porque almeja viver.

Alheio a toda aquela discussão sobre si, o homem não sabia que, para o aglomerado de areia, ele era apenas um ser estranho. Alheio a toda aquela discussão sobre si, o homem não sabia que, para o vento, ele era apenas o ser mais frágil. Alheio a toda aquela discussão sobre si, o homem não sabia ainda que, para os répteis moradores do deserto, ele era apenas um gigante feio. Alheio a toda aquela discussão sobre si, o homem não sabia que, para o escorpião, ele era apenas uma cobaia para experimentar o poder do veneno. Alheio a toda aquela discussão sobre si, o homem não sabia ainda que, para o sol, ele era apenas uma mera mancha a mover-se lentamente pelo vasto deserto. Alheio a toda aquela discussão sobre si, o homem não sabia ainda que, para a miragem, ele era o maior produtor de formas. Mas, ainda assim, o homem caminhava pelo deserto.

Homem algum quer, deliberadamente, passar pelo deserto — resmungou, então, o homem — a suportar o insuportável sol escaldante enquanto a sede resseca todos os órgãos internos e causa uma desnutrição severa à pele; a sobreviver às fatalmente gélidas brisas nocturnas enquanto enfrenta mil pesadelos numa

só noite; a mater-se hipervigilante para afastar os répteis e insectos venenosos enquanto a mente, esgotada, se desvanece a cada segundo.

Caminhava, o homem, pelo deserto. Descalço, porque a caminhada roubou-lhe os calçados. Trajado de leves tecidos que o não conseguiam proteger de nada. Faminto. Sedento. Exausto. Mas, ainda assim, continuava a caminhar.

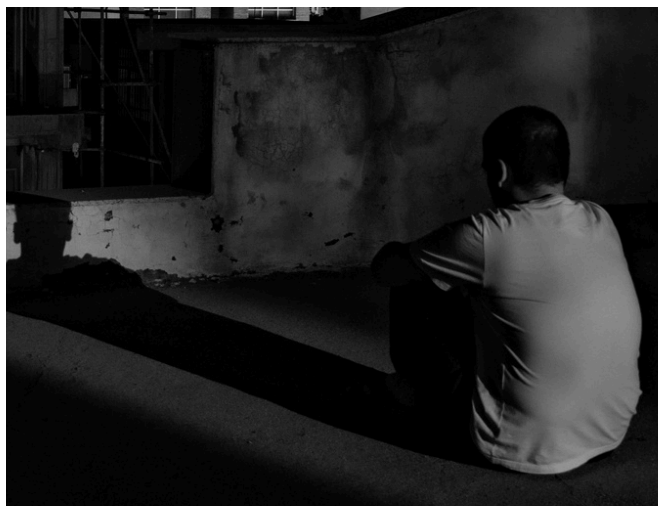
Pois sabia que, mesmo que não quisesse passar pelo deserto — embora homem algum queira — era necessário. Não apenas passar, mas enfrentar tudo aquilo que enfrentava no deserto. Enfrentar não apenas fenômenos externos a si, mas, enfrentar até mesmo o seu interior.

Descobriu, o homem, que o deserto revelava o rosto dos maiores e piores monstros que habitam nos corações humanos. Descobriu, o homem, que o deserto faz lembrar que carne é carne; frágil, finita, impotente. Descobriu, o homem, que o deserto revela que o universo é tão vasto e infinito e que humanos são nada menos que uma partícula de poeira a tentar usurpar o estatuto de uma sublime estrela.

O deserto, ao homem, deu revelações que só é possível a mais fidedigna interpretação quando se passa verdadeiramente pelo deserto.

Ao sair do deserto, o homem teria muito o que contar, pois o deserto ensina. Ao sair do deserto, o homem teria muito para viver. Mas, essa é uma história para outra altura.

O que interessa, neste momento é que: caminhava, o homem, pelo deserto. Caminhava porque queria viajar. Viajava porque almeja viver. Em sua caminhada; em sua viagem; em seu anelo, estava o homem no deserto. Passava, o homem, pelo deserto.



PÓSTUMAS LEMBRANÇAS

Todo coração, depois de um dia fatídico, almeja, sedento, a doce tranquilidade de seu leito. Porém, infelizmente, nem todo coração encontra em seu leito a tão almejada e doce tranquilidade.

Lentamente a tarde se arrastava para o seu fim, permitindo a noite espreitar com os seus primeiros olhares. Estava na calçada, em passos hesitantes e incertos, o jovem. Tudo o que o jovem queria era chegar em casa. Mas, ainda assim, de alguma forma, os seus passos pareciam hesitantes e incertos.

Vinha, o jovem, do emprego. É natural que, na busca pela autonomia, os jovens procurem a estabilidade financeira nos trabalhos e empregos que procuram. Porém, depois de algum tempo, grandes punhados deles, começam a decepcionar-se porque percebem que um emprego não é e não trás consigo tudo aquilo que o desejo de ser autónomo fantasiou.

Então, talvez seja por isso que os passos do jovem pareciam tão hesitantes e incertos; talvez o dia em seu emprego tenha simplesmente acrescentado algumas, mesmo que poucas, toneladas para que aquele dia fosse tão fatídico. Talvez!

O problema de um problema é a ramificação. Os problemas têm esse maldito dom de se ramificarem e, para resolvê-los, é necessário lidar com as raízes. Se a falta de emprego for um problema, a falta de comida, a falta de dinheiro, a timidez no sonhar, e outros mais, serão suas ramificações. Se alguma coisa qualquer for um problema, tudo o que se liga àquela coisa será a sua ramificação e, cada ramificação, contribui com algumas poucas toneladas de fardo para deixar tudo muito fatídico.

O jovem chegou à rua onde está localizada a sua nova casa e suspirou. Enquanto atravessava a rua, saudava as pessoas com um sorriso gentil, apesar de todas as pitadas de toneladas de fardo que carregava em seu dorso.

Para o jovem, ninguém precisava de conhecer-lhe as toneladas de fardo que pesavam no imo de sua alma. Para o jovem, a breve saudação acompanhada de um sorriso gentil era um meio eficiente para impedir que os olhares curiosos lhe inspecionassem os dissabores que tão amargamente engoliu.

Chegou, finalmente, à porta de sua nova casa e suspirou. Procurou, no molho de chaves, a chave para abrir a porta do quintal. Saudou os vizinhos com quem partilhava o quintal e dirigiu-se à porta do anexo, seu aposento, e suspirou.

Esses suspiros ainda me acabam com o fôlego — pensou consigo mesmo — mas, talvez seja disso que eu precise.

Entrou em sua casa quando já a noite terminava de erguer a sua soberba sobre o véu do mundo.

Descalçou os seus calçados, e desejou descalçar-se dos caminhos que a sua vida obrigou-o a trilhar; despiu-se de suas vestes, e desejou despir-se de todo o fardo que vinha, há algum tempo, a carregar.

Sentiu fome, mas estava cansado de mais para cozinhar. Sentiu sede, mas estava cansado demais para sair e ir procurar água; pois, percebeu que o balde que lhe servia de reservatório de água estava completamente vazio.

Então, deitou-se em seu leito enquanto tentava afastar todos os pensamentos e sentimentos advindos de suas toneladas de fardo. Ficou ali, deitado, a ouvir as vozes abafadas que apareciam e desapareciam na circulação do mundo. Apesar da fadiga, estava tão hiper-vigilante que conseguia perceber o suor a escorrer em sua pele, as células de sua carne a movimentarem-se com o comando da vida, o oxigênio a penetrar e a percorrer por todo o seu sistema respiratório.

Apesar da fadiga, estava tão hiper-vigilante que não percebeu a mente a desvanecer-se na lentidão da noite até tudo se apagar e o rebaixamento da consciência fazer-lhe perder a noção do mundo e da realidade.

Todo coração, depois de um dia fatídico, almeja, sedento, a doce tranquilidade de seu leito. Porém, infelizmente, nem todo coração encontra em seu leito a tão almejada e doce tranquilidade.

Despertou, o jovem. Tudo estava escuro. Levantou-se. Tentou orientar-se até ao interruptor para se certificar de que a casa estava sem electricidade. Confirmou; a casa estava sem electricidade.

Que horas são? — indagou a si mesmo.

Tentou orientar-se para procurar o seu telemóvel. Achou-o pousado sobre a sua mochila. Pressionou a tecla para desbloquear; nenhum sinal. Tentou ligar; nenhum sinal. O cansaço era tanto que sequer conseguiu carregar o telemóvel. Era quase certo que não tivesse uma vela em casa. Era certo que não tinha uma lanterna em casa.

Aproximou-se do seu cesto de cozinha, vasculhou no escuro e encontrou uma pequena sobra de vela. Apressou-se a procurar a caixa de fósforos. Tocava nas coisas como se as suas mãos fossem os olhos a permitirem que ele visse naquele mundo escuro. Encontrou-a. Sentiu, abruptamente, um calafrio. Um inexplicável arrepio a percorrer-lhe toda a espinha dorsal; um nó no estômago como se tivesse digerido algo pútrido. O ar gélido a queimar-lhe os pulmões.

Percebeu a temperatura de seu corpo a aumentar drástica e inexplicavelmente. Mãos suadas e trêmulas tornaram-se as suas. Uma sensação de tontura, como se fosse desmaiar. Como se as forças de sua carne e espírito tivessem sido completamente drenadas durante aquela fracção de segundo.

Acho que morro hoje — suspirou, aparentemente resignado, o jovem.

Pegou num palito de fósforo. Enervou-o na caixa. Fez-se, por breves milésimos de segundo, luz. Pegou outro palito, enervou-o novamente, tentou, com as suas mãos, proteger o fogo das leves brisas que invadiam a casa pelos quase invisíveis portais. Acendeu a vela. Alumiu, lentamente, a casa.

Todo coração, depois de um dia fatídico, almeja, sedento, a doce tranquilidade de seu leito. Porém, infelizmente, nem todo coração encontra em seu leito a tão almejada e doce tranquilidade.

Estava com sede, muita sede. Estava exausto, muito exausto. Estava faminto, muito faminto. A temperatura de seu corpo devia estar em 42 graus celcius; estava febril e, o pior de tudo, sozinho naquela madrugada sem ter a mínima ideia de que horas eram. Se calhar, no balde tem alguma gota de água — tentou encorajar-se, o jovem.

Virou para a direcção onde estava o balde. Sentiu medo, muito medo. A vela apagou-se. Moveu-se em retaguarda movido pelo instinto de sobrevivência. Tropeçou em seus próprios pés. O seu corpo liberou uma grande quantidade de adrenalina. Tão alta que o seu corpo não sabia se petrificava ou se o abandonava à sete pés.

Alucinação ou ilusão? — indagou, o jovem.

Porém, pareceu tão real — admirou, o jovem.

Queria acalmar-se, mas não conseguia. A grande quantidade de adrenalina não permitia. A respiração acelerou como se os pulmões fossem explodir. O coração estava a correr desgovernado; a bater como se fosse parar a qualquer momento. No canto da casa, escondido na sombra do balde, tinha algo ou alguém. No momento em que o jovem iluminou o lugar, esse algo ou alguém que se escondia na sombra do balde que serve de reservatório de água abriu os olhos. Olhos que se misturavam na negra noite.

Apressou-se a procurar a vela e a caixa de fósforos que caíram em seu movimento de sobrevivência. Tentou acender. Enervou, um palito, na caixa. A luz não durou mais do que uma eternidade. Sentiu um bafo gélido. Ouviu o estalar de ossos enferrujados a tentarem mover-se.

Na eternidade que durou a luz, viu. Conseguiu ver. Era uma mulher. Não, não era uma mulher. Mulheres não são quadrúpedes. Aquilo era quadrúpede. Os seus cabelos pareciam estar vivos. Não tinha rosto. Não tinha roupas. Tinha pinturas estranhas espalhadas pelo corpo todo.

O jovem permaneceu ali, inerte. Não conseguia levantar-se. Não conseguia mover-se. Ouvia o estalar de ossos enferrujados a moverem-se em sua direcção. Parece que a grande quantidade de adrenalina decidiu petrificá-lo. Parece que o seu corpo decidiu abandoná-lo.

A respiração cada vez mais acelerada, tinha quase a certeza de que o pulmão explodiria a qualquer momento. O coração corria desgovernado, tinha quase a certeza de que pararia a qualquer momento.

Estava ali, imóvel. O ser quadrúpede, com o estalar de seus ossos, movia-se em sua direcção. Ouviu uma voz abafada a sussurrar uma canção. Tentou fechar os olhos para fingir que tudo aquilo era um pesadelo do qual devia acordar.

O ser quadrúpede movia-se em sua direcção a sussurrar, com a sua abafada voz, uma canção. O jovem não entendeu tudo. Porém, o que o jovem entendeu fê-lo ter um turbilhão de flashes sobre coisas que dizia a sua avó.

Não assobia de noite; não olha para o espelho de noite; não varra de noite; se, de noite, ouvires alguém a chamar-te, não responde; não durma sozinho quando estiveres a sentir-se mal; nunca durma sem que tenha água em casa...

Eu sou a morte — cantava, em seu sussurro, o ser quadrúpede — sou aquela que existe na ausência da vida. A água é vida. Quem é o desavisado que me provoca no breu da noite?

Quem é o desavisado que, sem água; sem vida, dorme? Se existe algum, vou garantir que durma durante toda a eternidade!

O ser quadrúpede, que se auto-denominava de morte, movia-se em direcção ao jovem que acabava de lembrar de sua avó.

O jovem batalhou várias batalhas para chegar àquela noite. O jovem perdeu muita coisa e uma delas foi a sua avó. Porém, essa é uma história para outra altura.

O ser quadrúpede, que se auto-denominava de morte, movia-se em direcção ao jovem. O jovem permanecia trêmulo. Em sua impotência, o jovem fechou os olhos. O ser que se auto-denominava de morte, abriu a sua enorme boca cheia de dentes afiados. Moveu-se, no estalar de seus ossos; com o sussurrar de sua canção, em direcção ao jovem para o tragar e... tudo se apagou. Tudo ficou mergulhado numa imensidão de escuridão e silêncio como se tivessem sido lançado ao esquecimento.

Todo coração, depois de um dia fatídico, almeja, sedento, a doce tranquilidade de seu leito. Porém, infelizmente, nem todo coração encontra em seu leito a tão almejada e doce tranquilidade.

Lentamente a tarde se arrastava para o seu fim, permitindo a noite espreitar com os seus primeiros olhares. Estava na calçada, em passos hesitantes e incertos, o jovem. Tudo o que ele queria era não ter de chegar em casa para descobrir os horrores que se escondiam na próxima noite.

O jovem enfrentou muitas batalhas para chegar àquele momento. O jovem perdeu muitas pessoas e coisas. Porém, o jovem lembrou-se que os mais velhos não falam o que falam apenas por falar; que os mais velhos têm os seus motivos para falarem o que falam.

Lembrou-se do tempo em que ainda tinha a sua avó. Mas, isso é uma história para outra altura.

Interessa-nos apenas que, nalgum momento, os ensinamentos que nos foram passados farão sentido. Mesmo que agora não façam!



T'CHINGANJI

A aldeia estava eufórica, pois, naquela noite veriam o T'chinganji.

— Como é que têm a certeza que ele vem, mãe?

— Os sinais indicam. Mas, lembre-se, fique longe dele.

— Por quê?

— Ora, porque ele gosta de mulheres e crianças. E você é as duas numa só!

Ninguém conhecia os verdadeiros rostos de T'chinganji. Ele poderia ser apenas um mas, também, poderia ser vários e ninguém saberia dizer.

T'chinganji sempre foi misterioso. Embora ninguém conhecesse sua voz, o ar preenchia-se de muitas vozes quando ele vinha. Embora ninguém conhecesse suas faces, o dia era emoldurado de muitas faces a contemplá-lo.

Como é que todos saberiam que ele vinha? Os sinais indicavam. Quem interpretava os sinais para avisar a todos? Bem, é uma história para outra altura.

Os homens e adultos são grandes apreciadores do show proporcionado pelo T'chinganji. Porém, as mulheres e as crianças tremem de medo.

Elas não saberiam dizer o motivo, é como um medo instintivo enraizado na própria carne e no espírito. Sentiam calafrios só de ouvir o nome dele. Sentiam tanto medo que, quando uma criança estivesse a sair da linha, era só dizer que seria entregue ao T'chingaji que ela jurava com todas as forças reeducar-se.

Porém, havia uma criança que não tremia de medo; que transbordava de curiosidade e alegria quando ouvisse falar sobre o T'chinganji.

— Você vai vé-lo?

— Vou sim, mãe.

A noite chegou e quase todos na aldeia reuniram-se ao redor da fogueira. Algumas mulheres ficaram com suas crianças em suas cabanas e, as que foram ao ndjango, não se atreveram a ficar muito próximas da fogueira porque os seus instintos impediam-nas de aproximar-se do T'chinganji.

Ninguém viu como, nem quando. Mas, magicamente, T'chinganji chegou silenciosamente e já estava na roda a dar espetáculo. Os homens e adultos aplaudiam eufóricos. Era noite de lua cheia; era noite de celebração. Mas, as celebrações são histórias para outra altura.

A criança, transborva de alegria e curiosidade. Em seu olhar curioso e atento, viu algo que aparentemente ninguém estava a perceber.

Os movimentos do T'chinganji faziam todos os movimentos moverem-se em câmara lenta. Os movimentos do T'chinganji não obedeciam às articulações humanas. Aquele T'chinganji não era humano. Ninguém, excepto a menina, conseguia ver.

Quando as pessoas acostumam-se ao mistério, aparentemente, o mistério torna-se tão comum que ninguém mais olha para ele com um olhar clínico. A verdadeira identidade de T'chinganji era o mistério mais comum naquela aldeia.

No extasiante baile proporcionado pelo espetáculo do T'chinganji, ninguém, excepto a criança, o viu a cravar as suas garras no peito de uma mulher e a sair furtivamente dali.

A criança gritou. O seu grito trouxe todos de volta. A mãe da criança perguntava o que se passava, mas a criança estava em estado de choque; não conseguia falar palavra alguma. Apenas gritava. Apenas chorava.

Alguns diziam que era a típica aversão infantil ao T'chinganji, outros resmungavam que seria melhor proibir as crianças de assistirem aos shows do T'chinganji para evitar essas interrupções. Porém, ninguém percebeu a ausência da mulher que foi levada pelo T'chinganji. Era como se aquela mulher nunca tivesse estado ali. Era como se nunca tivesse existido naquela aldeia!

Todos recolheram-se para as suas cabanas. A menina, ainda atormentada pelo que viu, não conseguia dormir.

Diz-se que a lua cheia tem o poder de proporcionar os melhores sonhos e os piores pesadelos.

Nas sombras que o luar criava, numa árvore fora da cabana, a menina percebeu uma silhueta a observá-la. Arrepiou-se. Encolheu-se. Tentou gritar por seu pai, mas a voz não saía.

Tentou gritar por sua mãe, mas a voz não saía. Restava-lhe apenas correr, mas o seu corpo não se mexia. Então, tudo o que fez, foi fechar os olhos enquanto ouvia uma voz incomum a perguntar-lhe:

— Você viu... não viu?!

Quando a voz se calou, ouviu ruídos iguais ao de uma cabra a afogar-se no próprio sangue no momento do abate. Tentando, a todo custo, respirar com a garganta rasgada. Depois ouviu o som de carne a rasgar. Ouviu também o som de uma voz sem forças a tentar gritar. E, então, ouviu o som de vísceras a serem amassadas.

Não queria abrir os olhos. Pois, temia que, ao abrir os olhos, visse que estava realmente a acontecer o que ela pensava que estava a acontecer.

— Você já viu... não viu? Então não há necessidade de fechar os olhos.

A criança abriu, então, os olhos. E, no mesmo instante, vomitou! O T'chinganji era um antropófago e estava a devorar aquela mulher. O pior de tudo, é que ninguém conhecia a identidade do T'chinganji e já ninguém demonstrava-se preocupado a descobrir, excepto as crianças. Ele podia ser seu pai ou sua mãe; pai ou mãe de seus amigos e de suas amigas. Podia ser qualquer um na aldeia. Podia até mesmo ser alguém com quem falava, sorria e convivia todos os dias.

— Você já viu...

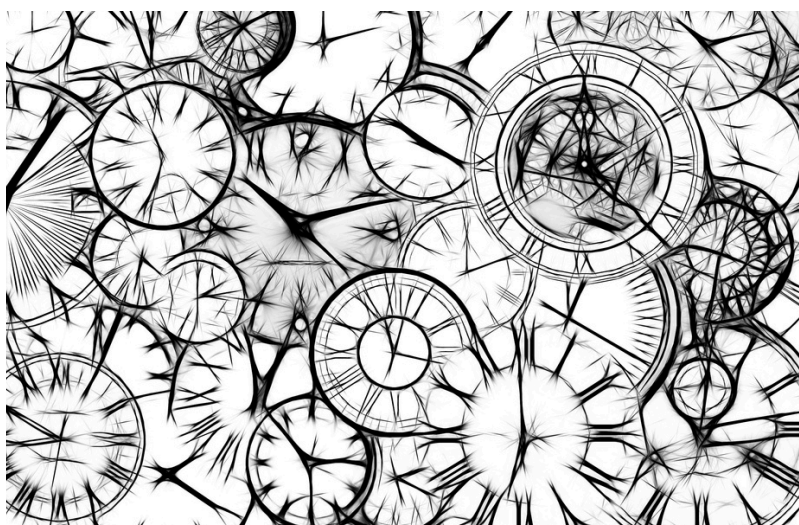
T'chinganji moveu-se, com as suas articulações inumanas, em direcção à menina. A menina, ainda dominada pelo medo, fechou os olhos.

— Vou marcar-te para vir buscar-te quando estiveres madura.

A menina abriu, então, os olhos e viu que estava de volta à sua cabana e em sua mão direita tinha o mesmo sinal que tinham outras crianças e algumas mulheres da aldeia. Por que nunca ninguém comentou sobre os sinais se eram todos iguais e, provavelmente, todos feitos pelo T'chinganji? Mas, os sinais são histórias para outra altura.

Decida a salvar-se e a salvar a sua aldeia, a menina começou a sua jornada para descobrir e expôr quem e o que era Tchinganji, bem como o que tinha em seu covil. Mas, essa é uma história para outra altura.

Interessa-nos apenas que, muitas vezes, somos devorados por monstros que criam espetáculos para nos divertirem. Vestem-se como nós e convivem connosco todos os dias. Mas, ainda assim, não conhecemos suas verdadeiras faces!



O ANDARILHO DO TEMPO

O problema dos corações humanos que têm a possibilidade de ter tudo é que são muito susceptíveis ao nada.

— És tudo para mim!

— Não diga isso.

— Por que não, se é a mais pura verdade?

— Porque eu acredito que o tudo é tão vazio quanto o nada e que o nada é tão preenchido quanto o tudo. Humanos não deviam ter tudo. Pois, ter tudo, seria o mesmo que não ter nada.

— Respeito a tua opinião, mas discordo.

— Está bem. Eu aceito que discordes.

O andarilho do tempo estava abraçado à sua amada, a apreciar o luar que se exibia na superfície do mar; acampados na areia da praia, num dia em que os corações eufóricos ansiavam por novos recomeços.

As conversas estranhamente filosóficas entre o andarilho do tempo e sua amada eram elementos característicos de sua conexão e de seu relacionamento.

Quando encontramos um coração com o qual nos conseguimos conectar; um coração capaz de dissipar a solidão sobreposta por uma sociedade de incontáveis isolamentos, é natural que apreciemos a companhia desse coração.

Todo humano tem as suas inquietações sobre a existência. Porém, nem todos as expõem livre e confortavelmente a qualquer pessoa, pois, o mundo está tão cheio de pessoas que o nosso coração entende que precisa de ser o mais selectivo possível para que não seja afundado no abismo. Mas, essa é uma história para outra altura.

— Não sei o que esse dia tem de tão especial.

— Ora, para as pessoas, esse dia simboliza o recomeço.

— Mas, é necessário esperar por um dia específico para recomeçar?

— Talvez.

— Eu acho que, se quisermos realmente recomeçar, devíamos ser impulsionados pelas circunstâncias e não por um calendário que não sabemos se foi cunhado por quem. Esperar esse dia para recomeçar, é o mesmo que ir procrastinando o ano inteiro e ter a desculpa perfeita para mais um ano de procrastinação.

As pessoas passavam e olhavam apenas dois jovens, no auge de sua mocidade, a viverem despreocupados com absolutamente tudo. Porém, esses dois jovens que acampavam na areia da praia, numa noite em que todo o coração humano ansiava eufórico por novos recomeços, não estavam despreocupados. Na verdade, o que mais preenchia os seus corações, era um vasto universo de

inquietações.

O barulho das ondas servia de música perfeita para o belo cenário romântico preenchido pela luz do luar a pairar sobre a superfície marítima, num dia em que os corações ansiavam eufóricos pelos novos recomeços.

A brisa trazia consigo, não apenas o cheiro salgado do mar, mas a firmeza de um mundo que assistiu a incontáveis histórias; desde as mais inspiradoras às mais decepcionantes; das mais felizes às mais tristes, e o andarilho do tempo sabia muito bem disso. Pois, no fim das contas, era ele o andarilho do tempo!

— Um dia vamos casar, certo?

— Você quer casar?

— Sim, quero sim.

— Por quê?

— Ora, bolas, que pergunta! Porque amo você, é claro!

— Mas, você quer casar porque realmente quer, ou quer apenas casar porque você cresceu aprendendo que devemos querer casar quem amamos?

— Não sei. Nunca me fiz essa questão.

Cada segundo na companhia de sua amada era um pedaço precioso de eternidade para o andarilho do tempo. Porém, cada segundo aproximava-o daquilo que ele sabia que não podia mais adiar.

— Acreditas em viagens no tempo?

Essa pergunta foi o sufoco no coração do andarilho do tempo. Ele sabia perfeitamente o que significava começar e terminar essa conversa. Porém, não podia deixar que a sua amada visse a inquietação em seus olhos.

Olhou para o luar a exhibir-se na superfície marítima. Fechou os olhos para captar com fidelidade o vento a bailar com a salgada água numa coreografia que produzia a própria música e a própria dança. Abriu os olhos para ver os corações acelerados; eufóricos, na ânsia de novos recomeços.

— Por que perguntas isso?

— Porque eu não acredito e estou apenas a tentar atribuir razão a mim mesma.

— Por que não acreditas?

— Porque admitir que viagens no tempo existem, seria o mesmo que aceitar que tudo e todos são eternos, existem continuamente estáticos, separados apenas em dimensões temporais diferentes. Acreditar em viagens no tempo seria... você sabe...

— O quê?

— Seria dizer que os meus pais ainda estão vivos. Porém, vivos eternamente no passado. Num passado que jamais conseguirei alcançar!

O aperto no peito do andarilho do tempo intensificou-se. Ele sabia perfeitamente que aquelas palavras eram o preâmbulo daquilo que ele tão amargamente aceitou não continuar a adiar.

— Se pudesses voltar no tempo, voltavas?

— Por que faria isso? Seria o mesmo que admitir perder-te!

— Mas, se pudesses voltar... para a época em que ainda tinhas os teus pais. Voltavas? Se pudesses voltar e impedir tudo o que aconteceu. Voltavas?

— Não sei... Sinceramente, não sei!

O andarilho do tempo sabia muito bem que aquelas eram as palavras que indicavam o momento para fazer o que ele decidiu não mais adiar. Afastou a sua amada de seu abraço, segurou na

sua mochila que usava como almofada dentro daquela tenda naquele cenário romântico, saiu da tenda. Parou, por alguns segundos, a olhar fixamente para a lua, sem dar nenhuma explicação à sua amada.

De sua mochila, tirou um pequeno frasco de vidro com uma bebida tão aromática quanto a alfazema.

— Confias em mim?

— É óbvio que sim!

— Então, beba.

A amada do andarilho do tempo bebeu o líquido aromático que estava dentro do frasco de vidro. No mesmo instante, o andarilho do tempo apressou-se a abraçá-la.

Como se estivesse a ressoar com o luar, a pele da amada do andarilho do tempo começou a brilhar. Como se se tratasse de um organismo bio-iluminiscente!

Sem saber o que estava a acontecer, a amada do andarilho do tempo ouvi-o a sussurrar.

Desculpa-me — sussurrou, o andarilho do tempo — mas estou a enviar-te ao passado. Eu sei que muita coisa não fará sentido, mas temos pouco tempo. Então, apenas escute: já tivemos essa conversa, já vivemos esta vida. Sou um andarilho do tempo e tenho um cristal com propriedades que me permitem viajar livre pelo tempo. O que você bebeu é o elixir feito com a essência do cristal do tempo. No momento em que as lembranças de seus pais inundaram o teu coração e a tua mente, abriu-se o portal que te poderá levar até onde eles estão.

O andarilho do tempo contou, à sua amada, que já havia voltado no tempo para impedir que ela perdesse os pais. Mas, por causa das condições que ele tinha de cumprir enquanto andarilho do

tempo, não funcionou. Nas vezes que conseguia salvar os pais de sua amada, não podiam ficar juntos. Nas vezes que ficavam juntos, não podia salvar os pais de sua amada. Era como se as engrenagens da existência ditassem que a história que os uniu devia ser traçada com as tragédias que os afligiu. Como se tudo o que aconteceu fosse o caminho a levar um para o outro.

O problema dos corações humanos que têm a possibilidade de ter tudo é que são muito susceptíveis ao nada.

Mas, ainda assim, o andarilho do tempo estava decidido a sacrificar-se pela felicidade de sua amada. O que adiantava ter o dom de caminhar através do tempo se não podia usar esse dom para salvar a felicidade de quem mais amou, ama e, eternamente, amará?

À medida que a luz emanada pelo corpo da amada do andarilho do tempo se ia intensificando, sua mente era invadida de incontáveis inquietações.

O que era um andarilho do tempo? O que era um cristal do tempo? O que era um elixir feito com a essência do cristal do tempo? Quais são as condições de que ele falou? Como é que seu amado tem tudo isso? De onde tudo isso veio? Do que tudo isso é feito? Mas, essa é uma história para outra altura.

A luz intensificou-se de tal maneira que a lua sentiu inveja e, então, apagou-se. A amada do andarilho do tempo foi levada ao passado, onde ela era ainda criança, onde vivia feliz com os seus pais, onde a tragédia ainda não existia, onde a história podia ser alterada de modos a que ela não os perdesse mais. Mas, essa é uma história para outra altura. Interessa-nos apenas que o andarilho do tempo usou tudo de si para a felicidade de sua amada!



SUPREMA INEXISTÊNCIA

Não sei com quais palavras devemos começar esta viagem, pois, vamos viajar para um mundo antigo e se começarmos com essa palavra não será suficiente porque aconteceu antes mesmo do tempo. E, a palavra "antiga", é uma das filhas do tempo.

Voltemos ao mais longe que a compreensão mortal consegue alcançar para avançar e, depois disso, voltemos ainda mais. Até ao alvorecer da Existência.

Antes que a Existência abrisse, pela primeira vez, os olhos para dar à luz a tudo o que existe, não se sabe o que estava lá.

A Existência, ao abrir os olhos, deu à luz a seus filhos. Os filhos da existência não tinham nomes até que um deles começou a nomeá-los.

Este, que nomeou os seus irmãos, chamou a si mesmo de O Supremo das Palavras. Pois, a sua presença trazia uma palavra que serviria de rótulo para os seus irmãos; rótulos que são seus nomes e suas definições.

Chamou a um de O Supremo do Tempo, cuja presença dá-nos a percepção de passado, presente e futuro.

Chamou a um de O Supremo dos Átomos, cuja presença preenche de átomos e de suas mais variadas combinações toda a matéria líquida, sólida e gasosa que se moldam na expansão da Existência.

Chamou a um de O Supremo da Anti-matéria, que seria — então — o irmão gêmeo d'O Supremo do Átomo e andaria no lado oposto.

Chamou a um de O Supremo da Alma, cuja presença completava a formação de todos os seres vivos que caminham pela extensão da Existência.

Os Supremos, deram então, luz a vários filhos que procuravam preencher toda a extensão da Existência.

A Existência era preenchida à medida que se expandia. Todas as coisas que vinham da Existência, não podiam deixar de existir. Nem as mortais, nem as imortais. Nem as materiais, nem as imateriais. Depois de vir da Existência, todas as coisas se transformavam perpetuamente.

Porém, uma questão inquietava a todos os filhos da Existência, a todos os filhos dos filhos da Existência, a todos os filhos dos filhos dos filhos da existência e, assim, numa infinita e viciada sucessão. Todos queriam saber de onde tudo vinha.

Nem O Supremo da Palavra, cuja presença nomeava tudo, conseguia dar uma resposta a isso.

Então, a mãe — a Existência — lembrou-se que antes dela havia o nada. Porém, o nada não podia ser nomeado porque não existia ainda O Supremo da Palavra para nomeá-lo.

Esse dilema, durante as eras, foi a grande discussão para aquele mundo. Parecia ser uma questão impossível de responder.

As eras vinham e iam. Começavam e terminavam. A questão, porém, permanecia intacta, imóvel; inalterada. Criando, em todos, um vazio incapaz de ser preenchido.

A Existência, numa epifania, percebeu que em si existia a marca de algo que transcende a si. A Existência percebeu, então, que tudo vinha de algum lugar. Da Suprema Inexistência.

Mas o que, de facto, é A Suprema Inexistência? — deves estar a perguntar-se — mas, essa é uma história para outra altura.

Interessa-nos apenas que a Existência percebeu que A Suprema Inexistência é como um mar infinitamente profundo, onde o nosso mergulho não pode ser raso demais para que não nos tornemos obsoletos; onde o nosso mergulho não pode ser fundo demais para não nos perdermos e tornarmo-nos loucos.

A Existência, transmitiu isso a todos os seus filhos; a todos os filhos dos filhos dos seus filhos, a todos da infinita e viciada sucessão e, então, alguns entenderam. E, então, alguns não entenderam. E, então, alguns obedeceram. E, então, alguns desobedeceram.

Didix Kasembe

Mukua Muxitu

O Florista



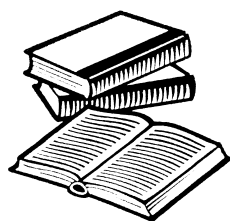
Mukua Muxitu — O Florista

Há muito tempo, a Grande Árvore, conheceu pela primeira vez o sofrimento causado pela fragmentação. Desde então, tem procurado maneiras para [re]harmonizar-se com esse mundo que deixou de ser o que era e tem preparado as suas crianças para o grande dia do akusuca de modos a integrá-las nos seus principais ramos guardiões.

"As cores são as únicas coisas que me interessam" era essa a frase que ecoava em minha mente todos os dias; era isso o que eu pensava até começar a ouvir as histórias contadas pelo Sekulu encarregado de contar as histórias sobre nós.

As histórias contadas pelo Sekulu encarregado de contar as histórias sobre nós são sempre progressivas, mas, descobri algo que ele nunca contou e que mudará drasticamente tudo...

BREVEMENTE!



O Narrador

Como você se sente depois de viajar comigo para outros mundos? Talvez muita coisa tenha ficado por se perceber, mas, não faz mal. Basta apenas voltarmos a fazer as viagens. Porém, garanto-lhe que, pese embora viajemos para os mesmos mundos, as viagens não serão as mesmas.

Mesmo que encontremos os mesmos seres nos mesmos mundos, nos mesmos lugares. Talvez eles mudem sem, necessariamente, deixarem de ser eles mesmos. Talvez nós mudemos sem, necessariamente, deixarmos de ser nós mesmos. Talvez, nestas viagens, já tenhas aguçado mais um pouco os sentidos para captar e conseguir perceber o que passou despercebido nas primeiras viagens.

Vemo-nos por ali. Porém, para que me consigas reconhecer, terás de me conhecer porque nem sempre uso essas vestes assim como, certamente, nem sempre usas as vestes que tens trajadas agora.



O Autor

DIDIX KASEMBE

Pseudônimo de João Pascoal Monteiro, nascido a 10 de Setembro de 1998, em Luanda, Município da Maianga, Bairro do Prenda.

Finalista no curso de Psicologia Criminal pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, Professor e Palestrante.

Desenvolveu o interesse pela escrita em 2014 e, desde lá, escreve em prosas, poemas, pensamentos e contos. Em 2019 publicou, em formato digital, um ensaio da obra "Mukua Muxitu — O Florista" pela editora Sola Psicologia e que será brevemente publicada em formato físico. Tem obras escritas que serão publicadas em momento oportuno.

Saber mais sobre o autor em:

<https://whatsapp.com/channel/0029VaM4318JZg42ZuGbEz36>

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100069493133474>